

NEGRAS MARIAS E FILHAS DE OXUM: O CORPO DE VIVÊNCIAS E RELIGIOSIDADE NO POEMA “MEU ROSÁRIO” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

PEDRO HENRIQUE BRAZ

WILMA DOS SANTOS COQUEIRO

RESUMO: Este trabalho de análise sugere a reflexão quanto a memória e religiosidade brasileira a partir do poema “Meu rosário”, que integra a obra *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2008), de Conceição Evaristo, destacando as imagens e metáforas que transbordam nas configurações estéticas do poema. Desse modo, respaldando-se em estudos teóricos de Octávio Paz (2012), Cuti (2010) e Evaristo (2009), objetiva-se vislumbrar as relações do eu lírico com o seu corpo feminino negro, sensível à escrevivência da poeta, trazendo a história emocionada pelas sensações e emoções do eu lírico e valorizando o amplo espectro da identidade negro-brasileira pelo lirismo.

PALAVRAS-CHAVE: Literaturanegro-brasileira; Poesia de autoria feminina; Conceição Evaristo.

BLACK MARIAS AND OXUM DAUGHTERS: THE BODY OF EXPERIENCES AND RELIGIOSITY IN THE POEM “MEU ROSÁRIO” BY CONCEIÇÃO EVARISTO

ABSTRACT: This analysis work suggests the reflection on Brazilian memory and religiosity from the poem “Meu rosário”, which is part of the book *Poemas da Recordação e Outros Movimentos* (2008), by Conceição Evaristo, highlighting how images and metaphors overflow in the aesthetic configuration of the poem. Thus, based on the theoretical studies of Octávio Paz (2012), Cuti (2010) and Evaristo (2009), the aim is to glimpse how the lyrical self is related to its black female body, sensitive to the poet's writing, bringing a emotional story by the sensations and emotions of the lyrical self and appreciation of the broad spectrum of black-Brazilian identity through lyricism.

KEYWORDS: Brazilian-black literature; Poetry from female poets; Conceição Evaristo.

INTRODUÇÃO

Em movimento contrário ao racismo e machismo enraizado nas artes e na sociedade brasileira, no final do século XIX e durante o século XX, a resistência dos negros brasileiros também cultivou na escrita literária o manifesto pela liberdade de expressão. Objetivando ir além dos estereótipos e das objetificações já engendradas na imagem da mulher negra e do homem negro entre os meios sociais e reiterados na e pela literatura, essa vertente literária negro-brasileira formou-se na constituição de “reações internas de forte carga emocional, capazes de dinamizar a linguagem rumo a uma identidade no sofrimento e na vontade de mudança” (CUTI, 2010, p. 94).

Desse modo, pela linguagem do poeta, que só a ele se revela por meio de sua própria busca interior (PAZ, 2012), os autores negros brasileiros vêm, por vezes narrando, outras versando essa literatura de marcada identidade autoral. Duarte (2011), ao defender a autoria enquanto um critério importante na avaliação de uma literatura afro-brasileira, ou negro-brasileira, assemelha-se aos estudos de Cuti (2010), que aborda a questão da verossimilhança nesta literatura, pelos sentimentos profundos de vivência do autor que promove reflexões a partir do texto literário.

Esse viés permite um adentro à ‘literatura das escrevivências’ de Conceição Evaristo, expoente escritora da literatura brasileira contemporânea. Ao vivificar um eu lírico negro e feminino em sua poesia, a autora explora temáticas memorialísticas como a religiosidade e as vivências do corpo, demarcando “o ponto diferenciado de emanção do discurso, o ‘lugar’ de onde fala” (CUTI, 2010, p. 25). Esse trabalho fortalece a expressividade de sujeitos negros na produção artística literária, dando sequência ao legado de resistência e persistência desse grupo étnico pela contemporaneidade.

ESCREVIVÊNCIAS: A MEMÓRIA E A RELIGIOSIDADE NA LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA

As vivências e a religiosidade são temáticas historicamente marcantes na configuração da literatura negro-brasileira, estando sempre entrelaçadas ao passado histórico dos sujeitos afro-brasileiros. A consciência memorialística das vivências e da religiosidade perscruta a emotividade nessa literatura, apresentando ao leitor “não apenas a informação fria do historiador, mas a possibilidade de experimentarmos sensações e emoções de que as personagens ou os ‘eus’ líricos são dotados na obra” (CUTI, 2010, p. 93).

Assim sendo, a reflexão sobre a memória na produção de sentidos e discursos da literatura negro-brasileira é expressamente importante. A pesquisadora Silva (2010), ao estudar a vertente da literatura de autoria afro-feminina, em aliança à literatura afro-brasileira, discute a memória não somente como um ponto de resgate emocional, mas também como um caminho de (re)invenções, sendo subsídio para ambicionar um futuro de conquistas no quadro da secular resistência negra.

Nessa perspectiva, a memória e, por sua vez, as lembranças contribuem na constituição identitária dos sujeitos,

uma vez que “A narrativa duma vida faz parte de um conjunto de narrativas que se interligam, está incrustada nas histórias dos grupos a partir dos quais os indivíduos adquirem sua identidade” [...] Dessa forma, o escritor afro-brasileiro, ao recontar seu passado de abusos, firma-se, ainda que à margem, como senhor de uma história que só poderia ser contada de forma tão incidente por aqueles que a viveram (JODELET, 1994 apud ROCHA, 2011, p. 56).

A poeta e prosadora Conceição Evaristo também discorre sobre o assunto à medida que discute aspectos da literatura afro-brasileira, que “traz o registro de uma memória social, enquanto lembranças de vários indivíduos” (EVARISTO, 2008, p. 6, apud ROCHA, 2011, p. 56). Portanto, tomamos como aporte teórico um posicionamento coletivo da memória, tal como postulou Halbwachs (1990) e desenvolveu Rocha (2011):

a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que eu ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios (HALBWACHS, 1990 apud ROCHA, 2011, p. 56).

Nesse sentido, o texto literário, que se pretende negro-brasileiro, carrega as experiências do grupo descendente de povos negros escravizados em terras brasileiras, ante o trabalho artístico-literário que envolve as memórias da identidade autoral. Assim, revela

que sentimentos nutrem as pessoas, que fantasias, que vivências, que reações, enfim, são experimentadas por elas diante das consequências da discriminação racial e de sua presença psíquica, o preconceito (CUTI, 2010, p. 39).

À vista disso, a memória na literatura negro-brasileira denota a significativa marca identitária expressa pelo lugar de fala do autor, feito que “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2019, p. 69) em relação às demais identidades, como a de homens brancos no mundo ocidental. Assim, testemunha-se pela literatura a realidade entre as experiências individuais e comuns desse grupo que secularmente esteve às margens na sociedade brasileira.

Esse movimento opõe-se à universalidade “que significa ser branco como metáfora do poder” (RIBEIRO, 2019, p. 69), assim como aos históricos conceitos coloniais que substanciam as noções de centro e margem: o “conjunto de valores fixos, homogêneos e estáveis” (BONNICI, 2005, p. 19), que excluem ou rotulam com desdém (às margens) o que foge desse padrão europeizado. Sendo assim, a literatura negro-brasileira mantém-se por décadas em resistência e persistência diante desse sistema literário marcado pelo racismo, assim como ao cânone literário ainda eurocêntrico, etnocêntrico e excludente.

Perante essa realidade, o tom denunciativo na literatura negro-brasileira propõe uma alteridade dessa vertente pelo seu aspecto verossímil, que precisa de uma referência: o autor, com base em seus referenciais próprios das experiências de vida. Portanto, os sentimentos mais profundos vividos pelos indivíduos negros são o aporte para a verossimilhança da literatura negro-brasileira (CUTI, 2010).

Essa experiência de vida, assunto ressaltado pelos estudiosos como importante característica dessa vertente literária, concorda com a matéria comum da representação literária de Maria da Conceição Evaristo: a escrevivência. Nas palavras da autora:

estou de pleno acordo, mas insisto na constatação óbvia de que o texto, com o seu ponto de vista, não é fruto de uma geração espontânea. Ele tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma “subjetividade” própria vai construindo a sua escrita, vai “inventando, criando” o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (EVARISTO, 2009, p.18).

Na constituição de seu eu lírico e demais personagens, a expoente autora da literatura brasileira contemporânea realiza um trabalho processual de resgate histórico por caminhos expressamente corpóreos e subjetivos, traçando um percurso consolidado na memória. Desse modo, a prosa e a poesia evaristana revelam a subjetividade de um corpo de vivências, expressando diferentes demandas étnico-raciais, assim como as religiosidades, que constituem e circulam a vida da mulher negra brasileira desde a infância.

Neste trabalho, dentre as diversas vivências que constituem e marcam a mulher negra brasileira, atentamo-nos à religiosidade, temática de grande valor para a análise proposta. Para tal, é necessária uma reflexão acerca da constituição religiosa caracteristicamente brasileira ao passar dos séculos.

Desde os seus primórdios enquanto colônia de Portugal, e antes mesmo de ser plenamente apossada pelos portugueses, a “Terra de Vera Cruz”, atualmente expandido território brasileiro, carrega fortes marcas de religiosidades, até mesmo na primeira intitulação portuguesa para o que fora o “novo mundo”, do cristianismo culturalmente preservado por gerações. Além disso, em uma perspectiva temporal, tendo em vista a diversidade dos povos que constituíram o sistema colonial português, as crenças indígenas e as crenças de matriz africana elencaram-se enquanto paganismos, perante o

projeto salvacionista que se concretizou através de alguns empreendimentos fundantes no primeiro século, a começar pela catequese e a criação das irmandades religiosas, usados como instrumentos de evangelização, o catolicismo foi introduzido nas populações nativas, colonos e escravos (ANDRADE, 2009, p. 107).

Nesse cenário, o catolicismo introduzira-se em terras brasileiras trazendo novos hábitos, costumes, valores e obrigações, assim como elementos culturais, estabelecendo o inev-

itável sincretismo com as religiões nativas dos indígenas e africanas dos povos escravizados, que compuseram aquela sociedade. Macedo (2008) destaca que, mesmo anteriormente, o “catolicismo português já era delineado como sincrético. Ele era caracterizado como um catolicismo de forte apego aos santos e a eles nomeando forças da natureza” (p. 01). Logo, muitas dessas práticas religiosas já sincréticas realizadas em Portugal foram instauradas nas raízes da nova colônia, constituindo o que viria a ser o povo brasileiro, assim como as expressividades religiosas nativas e de matriz africana.

Com o insucesso da completa imposição católica frente às originárias crenças dos povos nativos e dos povos escravizados, que resistiram e resistem até os dias de hoje à intolerância religiosa, aos ataques e discursos de ódio noticiados recorrentemente no Brasil, o ideal hegemônico do cristianismo com o domínio português na sociedade trouxe uma histórica estrutura dicotômica entre religiosidade popular e religião oficial, uma divisão propriamente identitária e cultural entre os sujeitos que integravam aquela sociedade. Assim, estabeleceu-se “uma tensão entre ‘o uno e o múltiplo, o transitório e o vivido’ que caracteriza a relação entre crenças populares e a religião oficial” (MACEDO, 2008, p. 02).

Nesse cenário, uma religiosidade propriamente brasileira configurou-se sincreticamente

de um modo peculiar[...] o catolicismo no Brasil foi sincrético de uma maneira diferente. Encontros religiosos aqui se deram de uma maneira mais aberta, explícita, culturas se influenciando, se misturando e interpenetrando (SANCHES, 1997 apud ANDRADE, 2009, p. 14).

Desse modo, constituiu-se uma cultura propriamente embasada em ideais religiosos que refletem historicamente na memória e expressividade do povo brasileiro, especialmente na dos grupos de minorias, como os de negros e indígenas, que resistem ao manter suas raízes culturais religiosas, quando não desvinculados dos conhecimentos e crenças ancestrais. Na literatura negro-brasileira, a religiosidade, normalmente censurada enquanto “formas camufladas de identidade negra” (CUTI, 2010, p. 59) assim como a tradição africana, por vezes, ganha forma no sincretismo religioso aliado a subjetividade e vivências dos personagens ou eu lírico, como ricamente propõe o poema “Meu Rosário”, de Conceição Evaristo.

O PERCURSO PELO ROSÁRIO

Atualmente, a representação literária de Conceição Evaristo tem despertado interesse na crítica literária, no meio acadêmico e na educação básica, pela sua escrita esteticamente crua, que revela e denuncia ao leitor as grandes problemáticas da sociedade brasileira em relação a questões étnico-raciais, e mais marcadamente em relação às mulheres negras. O que poucos sabem é que essa destacada autora da literatura brasileira contemporânea está submersa no universo autoral desde a década de 1990, quando teve suas publicações iniciais na série *Cadernos Negros*. Ao passar dos anos, Conceição publicou outras obras como os romances *Ponciá Vivência* (2004) e *Becos da memória* (2006).

As escrituras de Conceição Evaristo alcançam o lirismo no ano de 2008, com a publicação da obra *Poemas da recordação e outros movimentos*. Em 2011, o racismo e as relações de gênero na sociedade brasileira reverberam na obra *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Ademais, *Olhos D'água*, de 2014, foi livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria contos e crônicas; em 2016, *Histórias de leves enganos e pareanças* reforçou a escrita sensível de Conceição perante a exclusão, as relações de poder e a estrutura social-histórica do Brasil; e, em 2018, publicou *Canção para ninar menino grande*, seu último romance até então. O protagonismo feminino é característico das obras evaristanas, implicando uma forte relação com a emancipação da mulher negra pela linguagem prosódica e poética.

Como discutido, a autora tem alcançado relevância só nos últimos anos, quase duas décadas depois de suas primeiras publicações, que hoje são mais reconhecidas e estudadas, não obstante são pouco impressas e pouco vendidas nas livrarias brasileiras. Conceição também concorreu a uma vaga na Academia Brasileira de Letras em 2018, e mesmo com uma grande campanha popular, perdeu.

Pensar nessa autora, e em outras escritoras negras, é importante para refletir sobre quais são as pessoas que publicam literatura no Brasil, e obtêm o devido reconhecimento e relevância em justo tempo, visto que muitos homens brancos, historicamente, têm preferência nas melhores editoras e livrarias do país, assim como as mulheres brancas, que mesmo quando jovens e “iniciantes” no meio literário, têm destaque nacional em curto tempo, o que demonstra um caminho de luta e conquistas diferentes. Essa questão não é atual, pois vem se repetindo desde Maria Firmina dos Reis (1822-1917) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977), ambas escritoras negras brasileiras muito tardiamente reconhecidas.

Nessa perspectiva, a literatura negro-brasileira expressa o lugar de fala de mulheres e homens, que se reconhecem enquanto sujeitos integrantes do grupo étnico de afro-brasileiros, ou negros brasileiros, por meio da linguagem poética, nas palavras que “são históricas: pertencem a um povo e a um momento a fala desse povo” (PAZ, 2012, p. 191). Nas palavras de Conceição Evaristo,

a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade (EVARISTO, 2009, p. 18).

Há um forte subjetivismo na sua obra *Poemas da Recordação e outros movimentos* (2008). Composta de 121 poemas, perscruta a situação racial brasileira, assim como questões de religiosidade, família, convívio social e, principalmente, a constituição de sujeito da mulher negra, condizendo “com a rescisão de um passado de representações figuradas pela depreciação de atributos étnico-raciais e de gênero, em um tom denunciativo e de dessilenciamento de vozes literárias negras femininas” (SILVA, 2010, p. 101).

Nesse sentido, o poema que compõe a mencionada obra e aqui apreciado, “Meu rosário”, na sua constituição formal, versa as vivências de um eu lírico feminino negro, que constrói os sentidos a partir de imagens da esfera religiosa em metáfora às vivências. Segue o

poema:

Meu rosário
Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.
Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo padres-nossos, ave-marias.
Do meu rosário eu ouço os longínquos batuques do meu povo
e encontro na memória mal-adormecida
as rezas dos meses de maio de minha infância.
As coroações da Senhora, onde as meninas negras, apesar do desejo de coroar a Rainha,
tinham de se contentar em ficar ao pé do altar lançando
flores.
As contas do meu rosário fizeram calos nas minhas mãos,
pois são contas do trabalho na terra, nas fábricas, nas casas, nas escolas, nas ruas,
no mundo.
As contas do meu rosário são contas vivas.
(Alguém disse que um dia a vida é uma oração, eu diria, porém que há vidas-blasfemas).
Nas contas de meu rosário eu teço entumecidos
sonhos de esperanças.
Nas contas do meu rosário eu vejo rostos escondidos por visíveis e invisíveis grades
e embalo a dor da luta perdida nas contas do meu rosário.
Nas contas de meu rosário eu canto, eu grito, eu calo.
Do meu rosário eu sinto o borbulhar da fome
no estômago, no coração e nas cabeças vazias.
Quando debulho as contas de meu rosário,
eu falo de mim mesma em outro nome...
E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas, vidas que pouco a pouco descubro reais.
Vou e volto por entre as contas de meu rosário,
que são pedras marcando-me o corpo-caminho.
E neste andar de contas-pedras,
o meu rosário se transmuda em tinta,
me guia o dedo,
me insinua a poesia.
E depois de macerar conta por conta do meu rosário,
me acho aqui eu mesma e descubro que ainda me chamo Maria.
(EVARISTO, 2017, p. 43-44).

A poética de Conceição Evaristo oferece textos únicos e irrepetíveis, justamente pela forma como são trabalhados os fenômenos semânticos, sonoros, lexicais, sintático e visuais, aspecto que demonstra o trabalho da autora na perícia de linguagem. Assim, destaca-se como aparecem as temáticas de negritude em seus poemas, um caminho de análise que presume o trabalho de “destrinçar os estratos do poema [...] sentir sua poeticidade [...] sondar suas relações, suas repercussões” (CORTEZ e RODRIGUES, 2019, p. 67).

Em “Meu rosário”, logo a indício de titulação, exprime-se a relação de posse pelo pronome possessivo “Meu”, atrelado ao elemento sagrado da fé cristã católica (rosário), formado

por contas que guiam a reza/ oração dos mistérios da Virgem Maria e de Jesus Cristo de forma consecutiva. Historicamente, o rosário surge como uma fórmula lógica e contada para meditar preces em exercício de piedade. Esse objeto simbólico de culto sagrado é ressignificado pelo eu lírico no poema a partir do pronome possessivo, uma profanação pelo processo de apropriação do sagrado a favor do humano.

No poema, há caminhos que exploram a ambiguidade desse objeto, que sendo um elemento de culto da fé cristã católica, é abordado enquanto objeto de uma pessoa, o eu lírico que o apropria. Assim, versa o seu rosário de forma irônica e mimicamente: “Meu rosário é feito de contas negras e mágicas”. A subversão da linguagem permite que, ao apropriar-se do elemento para inverter o sentido original, a autora corresponda essas contas sagradas e lógicas do rosário para o catolicismo às contas “mágicas”, propriamente desconcertantes ao que propõe a racional e matemática meditação do rosário católico, além da metafórica negritude denotada na imagens das “contas negras”.

Seguidamente, o sincretismo religioso ganha forma pela diversidade impregnada nas contas do rosário, aludindo ao processo histórico da religiosidade brasileira e como isso interferiu na espiritualidade do povo negro, que reconhece a cultura ancestral africana e afro-brasileira, assim como a fé católica, que forçosamente se consolidou em solos brasileiros desde os primórdios do período colonial, como já dissertado. Assim, o sincretismo religioso é parte constituinte da identidade do eu lírico, que expressa a sua espiritualidade cantando para “Mamãe Oxum” – orixá do Candomblé, religião provinda da África para o Brasil durante o século XVI – e “padre-nossos, ave-marias” – orações do catolicismo.

Além de compreender o sincretismo religioso em suas contas, o rosário do eu lírico é propriamente ancestral, fazendo ecoar os “longínquos batuques” do povo negro. A ancestralidade é abordada ironicamente, quando a autora alia a essa meditação europeia – caracteristicamente silenciosa e sagrada – quando não, regida por sons transcendentais e calmos como o canto gregoriano católico – aos batuques poderosos e essenciais a cultos de religiões africanas e afro-brasileiras, que alarmam para o despertar de uma memória das origens. Esse trabalho revela um eu lírico que sente o seu pertencimento: “meu povo”.

Essa memória não é somente passadista, mas está presente, “mal-adormecida”, pois é por meio dela que o eu lírico explora as suas experiências nos versos. Ele reconhece a recordação que não tarda, das “rezas dos meses de maio de minha infância”, revelando as suas vivências de religiosidade, e como estas vivências compõem a sua identidade historicamente constituída.

Desse modo, uma das situações descritas nos versos seguidos, em que “As coroações da Senhora, onde as meninas negras,/ apesar do desejo de coroar a Rainha,/ tinham de se contentar em ficar ao pé do altar/ lançando flores”, manifesta a restrição da participação de meninas negras nos rituais católicos, que embora desejam ter essa experiência religiosa, são afastadas da representativa santidade e pureza aliada à imagem da escultura da “Senhora”, “Rainha”. O emprego de letra maiúscula como reverência a superioridade da figura mariana, diante da restrição das meninas negras, reflete a estrutura histórica do período colonial no qual não havia liberdade aos escravizados de conservarem suas religiosidades originais, pois “não deixou nunca de corresponder forte pressão moral e doutrinária da Igreja sobre os escla-

vos” (FREYRE, 1987 apud SOARES, 2009, p. 15).

Assim como todo o trabalho instituído na figura do homem negro ou da mulher negra durante o período colonial e pós-colonial, predominante um trabalho braçal também destinado em massa aos negros brasileiros na modernidade, calos historicamente herdados revelam-se no tatear das contas do rosário do eu lírico: “As contas do rosário fizeram calos/nas minhas mãos”. Essa imagem de cansaço e dor segue o movimento de profanação, compreendendo um objeto propriamente leve e sensível pela sua materialidade e simbologia sagrada, como um elemento de doloroso manuseio. Os versos seguintes reiteram essa imagem, aliando as contas do rosário à condição social do negro brasileiro na história do Brasil, sempre estando no “trabalho na terra, nas fábricas, nas casas, nas escolas, nas ruas, no mundo”.

Desse modo, as contas do rosário do eu lírico são contas vivas, devido a todas as associações que perpassam a ladainha em que se configura o poema. Dessa forma, “Meu Rosário” segue manifestando-se propriamente como

oração, ladainha, epifania, presença[...] Expressão histórica de raças, nações, classes[...] Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida [...] (PAZ, 2012, p. 21).

Na ambivalência entre o sagrado e profano, a antítese principal está nas vivências, pois imergem o eu lírico no percurso de sua vida. Isso se revela marcadamente no seguido verso parentético que, em quase digressão, mas reflexivo, a poeta confessa as vivências que se manifestam na lembrança pela oração: “(Alguém disse um dia que a vida é uma oração,/ eu diria porém que há vidas-blasfemas)”, embora continue reforçando em mímica e ironia o elemento (rosário) e o ato (oração) sagrado, como sugerem “vidas-blasfemas”.

Outro símbolo característico na poética evaristana é a imagem da água, que eleva a dramaticidade também por relações memorialísticas, justamente pelo seu caráter simbólico enquanto origem da vida, fertilidade, transformação e poder sagrado de purificação. É a partir dessa imagem simbólica que o eu lírico desenvolve um trabalho de tecer “entumecidos/sonhos”, ao lidar com o seu próprio rosário, ressignificando a dor da memória em “sonhos de esperanças”.

Ainda assim, a dor na “memória mal-dormida” destaca-se pela metafórica imagem das grades, uma perspectiva histórica que o eu lírico, pelas contas de seu rosário, vê “rostos escondidos/ por visíveis e invisíveis grades”, tal qual um país onde a desigualdade e a injustiça social assolam a população negra por séculos, entre grades visíveis e invisíveis, assim como a dos navios negreiros, das prisões, da falta de acesso a bens materiais, como a de voz e de presença reconhecidas na sociedade, afinal, os dados de pesquisas e noticiários não negam o atraso social e a desigualdade entre negros e brancos no Brasil. As imagens guiam essas temáticas que são marcantes nos poemas de Conceição Evaristo, anunciando o “dizer do poeta – independentemente do conteúdo particular desse dizer – é um ato que não constitui, pelo menos originalmente, uma interpretação, e sim uma revelação da nossa condição” (PAZ, 2012, p. 155).

Perante essa realidade, o ato de embalar “a dor da luta perdida nas contas” expressa a dor existencial e social do eu lírico, que canta, grita e cala, conflituosamente, sente a hiperbóli-

ca fome que borbulha “no estômago, no coração e nas cabeças vazias”, interstício denunciativo da fome que também é de conhecimento, de afeto, dos bens incompressíveis para se viver, como refletiu Candido (2011) em "O Direito à Literatura".

Os verbos utilizados para descrever o ato desenvolvido na reza/ oração do rosário denotam um trabalho que exige esforço físico e psicológico do eu lírico, como o emprego de “embalar” e “debulhar”, antitéticos à imagem sagrada do rosário em que apenas caminha-se matematicamente os dedos sob as contas, com o objetivo de transcendência pela meditação. Este trabalho com o rosário materializa a vida do eu lírico que busca manifestar as questões sociais, colocando-se no seu lugar de fala de mulher negra brasileira para falar de si e dos que não podem falar.

Conceição Evaristo constrói esse rosário intrínseco a uma visão crua da problemática realidade, abarcando pessoas reais ao passar dos versos: “E sonho nas contas de meu rosário lugares, pessoas/ vidas que pouco a pouco descubro reais”. A vivência é caminho essencial para essa construção, pois ela constitui, assim como as experiências de religiosidade, um corpo histórico do eu lírico: “Vou e volto por entre as contas de meu rosário, que são pedras marcando-me o corpo-caminho”.

Portanto, o poema evidencia as experiências de vida responsáveis por insinuar a linguagem poética, “E neste andar de contas-pedras/ o meu rosário se transmuda em tinta,/ me guia o dedo/ me insinua a poesia”, que serve de alimento, ideia exposta no emprego do verbo pertencente à esfera alimentícia (macerar), na compreensão de identidade e lugar de fala que se manifestam na simbologia mariana de resistência e persistência das mulheres negras brasileiras. Logo, “o fato de serem linguagens faz as palavras, sem deixar de ser elas mesmas, transcenderem a linguagem enquanto sistema dado de significações históricas” (PAZ, 2012, p. 31).

Da mesma forma que Maria, na cultura cristã católica, desbrava os mistérios gozosos, o eu lírico de Conceição Evaristo segue esse percurso em forma de ladainha, semelhante a repetitiva, soleníssima e gradual reza católica. Por conseguinte, a autora recorre à religiosidade para falar da mulher negra brasileira, suas vivências na sociedade, fruto dos diferentes processos históricos que corroboram nos preconceitos que prevalecem até os dias de hoje, possibilitando, em consonância com os mistérios gozosos de Maria, o reconhecimento do passado histórico, da condição presente, do pertencimento e de si mesma, assim como a esperança pela resistência e persistência do povo negro brasileiro. Portanto, “Meu Rosário” é uma negra ladainha que ecoa um rosário de vozes em resistência.

Analisar a poética evaristana na contemporaneidade, considerando as temáticas discutidas, tais como a memória e a religiosidade, leva ao entendimento da poesia contemporânea que é

em alguns sentidos, pensar e evocar o passado, seja em seu caráter arquetípico, em que os conteúdos poéticos advêm de uma organização dinâmica das imagens e são submetidos a um nivelamento social e histórico; seja na sua presentificação por mecanismos de retextualização, no processo de enfrentamento entre textos, cujo resultado implica sempre angústias de influências (FREY, 1973, BLOMM, 1991, apud SILVA e CAMILO, 2013, p. 60).

Portanto, no trabalho da escrivência, expresso no poema “Meu Rosário”, Conceição Evaristo explora a experiência com o sagrado pelo seu eu lírico negro feminino, que revela a sua própria condição e a do grupo ao qual pertence, redescobrando seu corpo negro em seus percursos, angústias, desejos, melancolia e persistente esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poema “Meu rosário”, de Conceição Evaristo, apresenta as vivências e a religiosidade como caminhos viscerais à memória e à constituição identitária do povo negro brasileiro. Desse modo, reitera a conceituação por trás da escrivência evaristana, compondo um “discurso que subverte não só o sistema literário brasileiro, mas também contesta a história brasileira que prima em ignorar eventos relativos à trajetória dos africanos e seus descendentes no Brasil” (EVARISTO, 2009, p. 24).

A poética da autora imerge o leitor na condição de homens e mulheres negras brasileiras na sociedade pós-colonial, estabelecendo a busca do “estado poético do poeta, a fim de que suscite no leitor outro ou similar estado poético” (CORTEZ e RODRIGUES, 2019, p. 63). Para isso, Conceição recorre a recursos metafóricos, imagéticos e rítmicos que miram o pleno estado emotivo, por um eu lírico feminino negro que, constituído de um corpo histórico, ou como é versado pela autora no poema analisado, “corpo-caminho”, afirma a batalha secular de resistência e persistência das mulheres negras brasileiras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maristela Oliveira de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. CAOS. João Pessoa, n. 14, p. 106-118, 14 set. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/caos/article/view/46956>. Acesso em: 13 out. 2019.

BONNICI, Thomas. Conceitos-chave da teoria pós-colonial. Maringá: Eduem, 2005.

CAMILO, Vagner; SILVA, Sandro Adriano. Considerações sobre a lírica e modernidade. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 2, n. 2, p. 55-68, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/view/626>. Acesso em: 18 maio 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CORTEZ, Clarice Zamonaro; RODRIGUES, Milton Hermes. Operadores de leitura da poesia. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas: 4. Ed. Maringá: EDUEM, 2019, p. 64-84.

CUTI. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília, n. 31, p. 11-23, 05 jan. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430>. Acesso em: 5 jul. 2019.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.puc-minas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. 3. Ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

MACEDO, Emiliano Unzer. Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. Revista Ágora, Vitória, n. 7, 16 maio 2008. Disponível em: <http://www.publicacoes.ufes.br/agora/article/viewFile/1918/1430>. Acesso em: 13 out. 2019.

PAZ, Octavio. O arco e a lira. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ROCHA, Paraguassu Fátima. O discurso da memória e a identidade feminina na literatura afro-brasileira. Entrelinhas. São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 54-61, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/view/1150>. Acesso em: 18 maio 2020.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. Via Atlântica. São Paulo, n. 18, p. 91-102, 30 dez. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/iaatlantica/article/view/50743>. Acesso em: 5 jul. 2019.

SOARES, Geraldo Antônio. Religião, cultura e poder na obra de Gilberto Freyre. Dimensões. Vitória, v. 23, n. 22, p. 200-204, 05 jun. 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/novembro2013/sociologia_artigos/soares_artigo.pdf. Acesso em: 13 out. 2019.

RECEBIDO EM: 31/05/2020 | ACEITO EM: 20/08/2020